

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O ser humano é o seu próprio experimento
[The human being is his own experiment]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Jongen, Marc
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-28 14:18:20
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162947

[\(Voltar ao índice\)](#)

O SER HUMANO É O SEU PRÓPRIO EXPERIMENTO

Por Marc Jongen

*Traduzimos e reproduzimos, a seguir, o artigo de autoria do filósofo Marc Jongen, da Staatliche Hochschule für Gestaltung em Karlsruhe, Alemanha, publicado no jornal alemão **Die Zeit**, no dia 9 de agosto de 2001.*

Se Friedrich Nietzsche¹ disse que o filósofo precisa ter a coragem de mexer com milênios, hoje, tal gesto teórico escancarado só pode ser feito ainda com a coragem do desespero. Face ao tempo de semidesintegração cada vez menor do conhecimento num mundo que se transforma sempre mais depressa, todo grande projeto dessa espécie se encontra diante da necessidade e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de embutir em seu próprio *design* teórico seu destino futuro como moda intelectual do passado. Não obstante essa aporia, a produção de uma distância não-cotidiana em relação aos acontecimentos e diálogos de hoje continua sendo constitutiva do pensamento filosófico. Com isso, esses acontecimentos e diálogos são, involuntariamente, colocados num sentido de dimensões mais amplas. Por mais escandaloso que pareça tal distanciamento artificialmente induzido no tocante ao debate atual sobre clonagem terapêutica e reprodutiva, manipulação genética, diagnóstico de pré-implantação e assuntos afins, ele é necessário e inevitável justamente neste caso.

A voz frágil e afônica do humanismo

Com a convocação do Conselho Nacional de Ética pelo chanceler alemão Schröder², com o discurso feito pelo presidente da República em Berlim e com o debate sobre bioética travado no Congresso, a disputa em torno da genética atingiu a máxima atenção dispensada pela mídia. No que se segue, eu gostaria de defender a tese de que essa disputa em torno da genética precisa ser compreendida como sintoma de uma mudança de mentalidade de dimensões memoráveis. O *pato* se impõe, com base na própria questão que está em pauta – basta observar o peso filosófico dos conceitos empregados na disputa. Qual é o argumento principal daqueles que querem estabelecer limites morais e (por conseguinte) jurídicos para a intervenção técnica do ser humano sobre o ser humano?

Escreve Robert Spaemann³ (*Die Zeit*, n. 4, 2001): “A objeção ética a isso é clara: trata-se de uma violação da dignidade humana, a qual proíbe que se submetam seres humanos exclusivamente como meios aos fins de outros seres humanos.” Não é preciso ter “ouvidos atrás dos ouvidos” *à la* Nietzsche para ouvir aqui a voz do humanismo, mais precisamente uma

¹ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um influente filósofo alemão, filho de um pastor evangélico, que morreu cinco anos depois, sendo que Nietzsche cresceu em um ambiente completamente feminino, dominado pelo pietismo protestante. Ao filósofo Friedrich Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição 127 do *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

² Gerhard Fritz Kurt Schröder, nascido em 7 de abril de 1944, na cidade de Mossenberg, na Alemanha, ocupa, desde 1998, o cargo de *Bundeskanzler* (Chanceler Federal e chefe de governo ou primeiro-ministro) da República Federal da Alemanha. (Nota do *IHU On-Line*)

³ Robert Spaemann, filósofo alemão, é professor de Filosofia nas universidades de Munique e Salzburg. É autor de, entre outros, *Felicidade e benevolência: ensaio sobre ética*. São Paulo: Loyola, 1996. (Nota do *IHU On-Line*)

de suas manifestações clássicas, parafraseando o imperativo categórico de Kant. Mas será que se percebe também quão frágil e afônica ficou essa voz que antigamente era tão poderosa? Para um ouvido filosófico-musical não há dúvida: essa voz não se sustenta mais. Longe de fundamentar-se numa “razão” supratemporal, o poder de persuasão do paradigma humanístico baseava-se unicamente num estado mental que lhe correspondia e atualmente está se desfazendo em toda a parte. O discurso de Spaemann é digno, seus motivos são nobres – e isso é dito sem qualquer resquício de ironia! –, ao passo que os de Craig Venter⁴ não o são. Mas e daí? A naturalidade com a qual Spaemann compreende a “violação da dignidade humana” como uma “objeção ética”, isto é, como razão impreterível para deixar de fazer as ações às quais ela se refere, há muito já não é, por sua vez, natural. O assoalho sobre o qual se assentavam as tábuas de valores cristão-humanísticos já passou por um processo de erosão tal que todo recurso a ele torna visível, primordialmente, o abismo que entrementes se abriu debaixo dele. Isso se tornou particularmente claro no discurso de Johannes Rau⁵ sobre a biotecnologia, mesmo que a dignidade de seu cargo e o tom sacerdotal tenham devolvido por um momento aos frágeis argumentos humanísticos seu brilho quase sacro. O fato de também aqueles que apóiam a melhoria humana por meio da tecnologia genética ainda se servirem, em sua maior parte, da antiga gramática e procurarem, de certa forma, parecer ser os humanistas melhores – a réplica de Reinhard Merkel⁶ a Spaemann (*Die Zeit*, n. 5, 2001) foi um exemplo disso, assim como a reação do chanceler ao presidente da República – não deve ocultar o fato de que, na imagem radicalmente anti-humanística do ser humano, da qual eles são propagandistas mais ou menos conscientes, o conceito “dignidade humana” só representa ainda uma área semanticamente contaminada.

Abordar abertamente essa questão um tanto sinistra ainda é perigoso, principalmente na Alemanha, porque, numa época de grande mudança de paradigmas, ainda é forte o reflexo por parte da mentalidade declinante no sentido de responsabilizar o portador da nova mensagem pelo conteúdo desta – ainda temos na memória as reações, de históricas a denunciatórias, ao discurso feito por Peter Sloterdijk⁷ em Elmau –, mas é apenas um imperativo de honestidade

⁴ Craig Venter é considerado um dos mais importantes cientistas do século 21 por suas contribuições inestimáveis à pesquisa no campo da genética. Ele é o pioneiro na decodificação do genoma desde micróbios até do ser humano. Atualmente é Presidente do Center for Advancement of Genomics. É formado em bioquímica e obteve Ph.D. em fisiologia e farmacologia na Universidade da Califórnia em San Diego. Em 1992, fundou o Instituto de Pesquisa Genômica, onde ele e sua equipe se tornaram os primeiros a decodificar o genoma de um organismo vivo, a bactéria *Haemophilus Influenzae*. As técnicas do Dr. Venter foram utilizadas na esmagadora maioria dos seqüenciamentos de genomas realizados em todo o mundo. Em 1998, fundou a mundialmente conhecida Celera Genomics para decodificar o genoma humano usando o Seqüenciamento Shotgun, novos algoritmos matemáticos e novas máquinas automatizadas para seqüenciar DNA. Craig Venter é autor de mais de 200 artigos de pesquisa e recebeu inúmeros diplomas honorários e prêmios científicos. Entre eles, citamos o Prêmio Internacional da Fundação Gairdner em 2002, o Prêmio Paul Ehrlich e Ludwig Darmstaedter de 2001 e o Prêmio Científico Rei Faisal. (Nota do *IHU On-Line*).

⁵ Johannes Rau, nascido em 1931, foi o presidente da Alemanha de julho de 1999 até junho de 2004. O atual presidente do país é o economista Horst Köhler, ex-diretor do FMI. (Nota do *IHU On-Line*).

⁶ Reinhard Merkel, nascido em 1950, é professor de direito criminal e de filosofia do direito, sendo especialista na área de jurisprudência na Universidade de Hamburgo, Alemanha. (Nota do *IHU On-Line*).

⁷ Nascido em Karlsruhe, em 1947, Peter Sloterdijk estudou Filosofia, germanística e história em Munique e Hamburgo. Autor de *Crítica da razão cínica*, que alcançou sucesso imediato, tornando-se o mais vendido livro de Filosofia na Alemanha, no último meio século. Além das obras editadas no Brasil — *A árvore mágica. O surgimento da psicanálise no ano de 1785, tentativa épica com relação à filosofia da psicologia*. Casa Maria Editorial, 1988, *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico* (Tempo Brasileiro, 1992), *No mesmo barco. Ensaio sobre a*

para um pensamento que queira estar à altura de seu tempo. A objeção repetidamente apresentada de que esse pensamento se submeteria acriticamente ao espírito da época e associaria o diagnóstico desse espírito de maneira ilícita com pretensões normativas – a verdade continuaria sendo verdade, mesmo que ninguém mais acreditasse nela ou se orientasse por ela – subestima muito a profundidade metafísica da mudança de épocas que está em pauta, na medida em que a própria concepção de tal “verdade” transcendente, independente do tempo, também está sendo aposentada.

Se é que ainda se pode manter esse conceito venerável, isso só pode ser feito nos moldes (heideggerianos) de uma história de desocultação (verdade no sentido do termo grego *aletheia*, o desoculto), cujo transcurso futuro pode ser pressentido e só, em pequena medida, também prognosticado, mas não pode ser observado e muito menos ditado a partir de algum lugar transcendente.

A ascensão de um novo tipo de ser humano

Em seu ensaio intitulado *Máquina, alma e história universal*, de 1980, Gotthard Günther⁸ constatou a ascensão de um novo tipo de ser humano, cuja mentalidade se distingue substancialmente daquela do tipo antigo, chamado civilizacional. Ao passo que o europeu antigo moldado pelo cristianismo e humanismo se defronta com preocupação e relutância com toda e qualquer intervenção técnico-mecânica em sua subjetividade – Günther fala da reprodução feita pelo computador de atividades que antes eram subjetivas, mas podemos enquadrar a manipulação genética no mesmo fenômeno –, para o novo tipo de ser humano, essa inovação técnica nem pode ocorrer com rapidez suficiente. Günther continua dizendo: “A reação mental do primeiro tipo, do conservador, indica que se trata aí de portadores de história psiquicamente colapsados, cuja existência histórica genuína já passou e que, desde o advento da máquina, não enxergam mais nenhum futuro à sua frente. A impaciência do outro – chamemo-lo de “tipo americano” por amor à brevidade – faz com que se suponha que aí esteja começando a se expressar uma mentalidade que só vai se desenvolver plenamente na era vindoura do ser humano”.

Os seres humanos são completamente autopoieticos

É supérfluo dizer como se deveriam enquadrar, em termos de tipos ideais, as posições de Spaemann e de Merkel – traduzidas para a política: as de Rau e Schröder – segundo esse esquema. Entretanto, a menção de Gotthard Günther contém uma indicação da dimensão metafísico-histórica da mudança de paradigmas que está em pauta, e é só levando-a em conta

hiperpolítica (Estação Liberdade, 1999), Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. (Estação Liberdade, 2000) —, publicou ainda, de uma extensa lista: *Der Denker auf der Bühne – Nietzsches Materialismus* [O pensador no palco – O materialismo de Nietzsche], 1986; *Weltfremdheit* [Desassossego do mundo], 1993; *Der starke Grund, zusammen zu sein. Erinnerungen an die Erfindung des Volkes* [O grande motivo de estarmos juntos: anotações sobre a descoberta do povo], 1998; *Luftbeben: An den Quellen des Terrors* [Aeromotos: Nas fontes do terror], 2002. É autor da recente trilogia intitulada *Esferas*, cujo volume I é *Esferas I. Burbujas*. Madrid: Siruela, 2003, e o volume II é *Esferas II. Globos. Macrosferología*. Ediciones Siruela, 2003. O volume III, ainda não traduzido ao espanhol, intitula-se *Sphären III: Schäume, Pluralistische Sphärologie* (Esferas III: Espumas, Esferologia Pluralista). Frankfurt: Suhrkamp, 2003. De Peter Sloterdijk publicamos uma entrevista no *IHU On-Line* número 56, de 22 de abril de 2003, outra entrevista no número 47, de 16 de dezembro de 2002, e trechos de outra entrevista no número 25, de 8 de julho de 2002. (Nota do *IHU On-Line*).

⁸ Gotthard Günther (1900-1984): filósofo alemão. (Nota do *IHU On-Line*)

que nossa observação adquire a necessária profundidade. O que se aproxima de seu fim definitivo, junto com essa mudança, não é nada menos do que o ciclo metafisicamente codificado e civilizacional da história humana; trata-se, portanto, de um espaço de tempo agora medido em milênios. Hoje está se tornando claro que a característica principal dessa época consistia no fato de o ser humano encontrar-se no mundo como *sub-jectus* [sujeito], isto é, como sujeitado de um ser objetivo plenificado em si, “perfeito” no duplo sentido desta palavra. O que correspondia a isso em termos afetivos era, ou a admiração (da Antiguidade) frente à *physis* sensorialmente presente, ou a humildade (cristã) frente ao Deus transcendente, em todo caso uma disposição mental de sujeição frente a um objeto com poder superior em princípio, isto é, de acordo com seu valor lógico e epistemológico relativo. Talvez não seja um exagero considerar a filosofia e a religião em seu conjunto como derivados dessa disposição mental. É principalmente a partir desse lado afetivo que se obtém acesso à essência da “era vindoura do ser humano”, pois sempre que se levantam as ondas da indignação quando o assunto é a tecnologia genética – o que acontece cada vez com menos intensidade –, isso é a reação natural da antiga alma européia à aparentemente corajosa falta de piedade ou respeito do “tipo americano”, com a qual este se sente vocacionado a recriar a criação deficiente. Nada é mais característico nesse sentido do que o assombro com que Spaemann vê “nossas visões causadoras de horror” – a saber, uma fabricação de seres humanos, ditada pelos desejos do cliente – sendo ainda constantemente ultrapassada pela realidade. Para os transumanistas californianos, reunidos em torno de Max More⁹, Ray Kurzweil¹⁰ e Marvin Minsky¹¹, em cujo *Extropy Institute*¹² o novo tipo de ser humano tem, atualmente, seu endereço mais destacado, a irrestrita tomada do poder técnico sobre si mesmo por parte do ser humano não é apenas uma visão causadora de horror, e sim uma perspectiva da terra prometida. Os humanistas europeus fariam bem em não considerar os “extrópios”, uma seita bizarra por causa da ingenuidade

⁹ Max More é um futurista estratégico internacional reconhecido por escrever, palestrar e organizar eventos sobre os desafios fundamentais das tecnologias emergentes. More defende que nossas potencialidades tecnológicas estão distantes da nossa maneira padrão de pensar sobre as possibilidades futuras. More é co-fundador e o atual presidente do Instituto de Extropia, no Texas, Estados Unidos – uma rede de diversos pensadores inovadores comprometidos a criar soluções para os problemas humanos. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁰ Ray Kurzweil: tecnólogo que estuda inteligência artificial na “vida real”, foi o inventor da primeira máquina de leitura para cegos e de outras tantas invenções. A que o tornou mais famoso, no entanto, foi um software capaz de entender a voz humana e transformá-la em texto. É autor de, entre outros, *The Age of Spiritual Machines: When Computers Exceed Human Intelligence* (1999) e *The Age of Intelligence Machines* (1990). Suas idéias e trabalhos estão disponíveis em www.kurzweiltech.com e www.kurzweilcyberart.com. (Nota do *IHU On-Line*)

¹¹ Marvin Lee Minsky é catedrático Toshiba de Artes e Ciências da Mídia, e professor da Engenharia Elétrica e Ciências da Computação no Massachusetts Institute of Technology. Suas pesquisas levaram a avanços teóricos e práticos em inteligência artificial, psicologia cognitiva, redes neurais, e a teoria das funções recursivas e máquinas de Turing. Ele deu grandes contribuições aos domínios da descrição gráfica simbólica, geometria computacional, representação do conhecimento, semântica computacional, aprendizagem simbólica e conexionista. Esteve também envolvido com muitos estudos de tecnologia avançada para a exploração do espaço. O Professor Minsky foi também um dos pioneiros da robótica mecânica baseada em inteligência e telepresença. Ele elaborou e construiu uma das primeiras mãos mecânicas com sensores táteis, scanners visuais, e seus softwares e interfaces de computadores. Também influenciou muitos projetos de robótica fora do MIT, e elaborou e construiu a primeira tartaruga mecânica para o LOGO. Desde 1950, Marvin Minsky tem trabalhado usando idéias computacionais para caracterizar processos psicológicos humanos, bem como para desenvolver máquinas inteligentes. Em 1959, Minsky e John McCarthy fundaram o que se tornou o Laboratório de Inteligência Artificial do MIT. (Nota do *IHU On-Line*)

¹² Conferir nota de rodapé anterior, sobre Max More, presidente do Extropy Institute. (Nota do *IHU On-Line*)

filosófica dos princípios deles. Neles se articula – ainda que de modo provisório e ingênuo – a vanguarda de uma humanidade que está em vias de se erguer da condição de “sujeito” para a de “projeto” (Vilém Flusser¹³), isto é, que começa a levar, radicalmente, a sério a percepção de que os seres humanos são completamente autopoieticos, que se geram a si mesmos, que se projetam a si mesmos. Não só refletir humildemente na consciência o ser que se encontra na natureza – como o faz até mesmo a ciência que busca “leis naturais” –, mas considerá-lo matéria imperfeita e ainda “carente de informações” que serve de ponto de partida para recriações futuras – tão logo essa mudança fundamental de mentalidade entrar em sua fase de implementação técnica não será mais exagero falar de uma nova era mundial.

Naturalmente, uma revolução de dimensões epocais como essa tem uma longa pré-história. Em retrospecto, fica, particularmente, visível a cabeça de Jano do humanismo clássico, que, notoriamente, tinha de exercer uma função de ponte psicoistórica: em seus documentos filosóficos fundantes do Quatrocentos a *dignitas hominis* [dignidade humana] ainda é fundamentada, de maneira bem medieval, com a concepção do ser humano como imagem de Deus, mas esta última não é vinculada a determinadas propriedades, mas – explicitamente no pensamento de Pico della Mirandola¹⁴ – à potencialidade, ao poder criador como tal, o qual não representa mais um privilégio divino. Sob o título de “criatividade” ele fará uma carreira secular brilhante na Era Moderna. Com essa reinterpretação, com conseqüências sérias, da antiga figura teológica da analogia foi colocada irreversivelmente em movimento uma *translatio imperii* [transferência de poder] (na acepção literal) de Deus para o ser humano, em cujo decorrer o novo soberano teve de aprender paulatinamente a trazer de volta “o reino, o poder e a glória” da eternidade para o tempo, da transcendência para a imanência, ou, usando uma fórmula de Peter Sloterdijk, a “se assumir”.

Não temos mais a liberdade de não querer o que podemos e sabemos fazer

Constitui o aspecto paradoxal dessa auto-assunção humana o fato de que ela, longe de produzir um feliz proprietário de si mesmo, significa, junto com o progressivo êxito, ao mesmo tempo a dissolução “do ser humano”, sua virtualização. Como “animal não fixado”, o ser humano está condenado a se inventar, na medida em que encontra o caminho para si mesmo, pois ele não “é” outra coisa do que esse inventar a si mesmo. Esse impulso para a autotranscendência, baseado na “essência do ser humano” constitui o cerne sóbrio e lógico da famigerada doutrina de Nietzsche acerca do super-ser humano; só hoje, no horizonte de sua possibilidade de implementação técnica, ela está desenvolvendo seu potencial profético pleno. (“Mais ou menos por volta do ano 2000 as pessoas poderão me ler”.)

¹³ Vilém Flusser (1920-1992): judeu nascido em Praga, veio para o Brasil em 1940. Nos primeiros vinte anos, dedicou-se principalmente a atividades empresariais, mas como era autodidata e exímio conhecedor de línguas, estudou sozinho no período. Entre 1958/59 decidiu abandonar as atividades comerciais e se engajar na comunidade filosófica brasileira através dos membros do IBF, apesar de discordar de como era feita a filosofia no Brasil. Tornou-se professor convidado da Escola Politécnica da USP, lecionando a disciplina de Filosofia da Ciência. Foi um dos fundadores do curso de Comunicação Social da FAAP, membro do IBF e colaborador regular da *Revista Brasileira de Filosofia*, do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, de uma coluna diária chamada *Posto Zero* no jornal *Folha de S. Paulo*, e da *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Em 1972 mudou-se para a Europa, morando em muitos lugares até se estabelecer em Robion, na França, onde permaneceu até a sua morte em 1992. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁴ Giovanni Pico della Mirandola (1463-1491): humanista italiano. Destacou-se pela precocidade e pela extensão de seus conhecimentos, bem como pela audácia das suas teses em filosofia e teologia: queria provar a convergência de todos os sistemas filosóficos e religiosos para o cristianismo. (Nota do *IHU On-Line*)

O que se segue de tudo isso? O que se segue disso, principalmente, para a pergunta à qual, afinal, um Conselho Nacional de Ética para Tecnologia Genética há pouco criado deve sua existência: O que devemos fazer? Inicialmente, deve-se registrar que não podemos fazer nada. Não temos mais a liberdade de não querer o que podemos e sabemos fazer. O “complexo técnico-industrial”, originalmente erigido para libertar o ser humano de coações do destino, supostamente dadas na natureza ou decretadas por uma instância acima do mundo, transformou-se, há muito, numa segunda fatalidade, face à qual toda e qualquer ética da recusa, do tabu ou da conversão significa um quixotismo desajeitado.

A superação do ‘ser humano’ humanístico

Mais ainda: é preciso perguntar se os desafios que estão à nossa frente ainda podem, afinal, ser processados na modalidade da ética, na medida em que estão intimamente associados com isso os veneráveis fantasmas da liberdade da ação moral e da autonomia do sujeito. A armação – para usar o termo técnico cunhado por Heidegger – não reage a recomendações morais, mas, quando muito, a impulsos de comando inteligente. Isso não significa que estejamos condenados à realização prática de toda e qualquer monstruosidade que seja tecnicamente possível; decerto significa, porém, que fatalmente permanecerão estéreis e ineficazes todas as intervenções éticas que não levarem em conta – ou só o fizerem na forma de negação – o nível operacional técnico já alcançado. Se tiverem sido feitas as pazes com essa perspectiva nos aspectos fundamentais, resulta – além da salutar desopressão da permanente exigência moral excessiva – um deslocamento significativo na economia das preocupações pessoais: o que causa inquietação não é mais a possível “criação de super-seres humanos”, e sim a perspectiva iminente de que ela poderia ser realizada segundo critérios do “último ser humano”. “O último ser humano é o que mais vive” – esta profecia de Nietzsche encontraria, dessa maneira, seu cumprimento mais pérfido. Se, por exemplo, Reinhard Merkel¹⁵ defende a clonagem terapêutica, apelando a “objetivos éticos elevados” – e sob esse termo ele entende, evidentemente, a prevenção de sofrimento individual, isto é, a felicidade da maioria –, precisa ser permitido, não obstante todo o respeito por esses valores, levantar a objeção cética e perguntar se podemos colocar desse modo processos de relevância para a história do gênero humano sob a orientação de um eudemonismo massivo – usando palavras de Arnold Gehlen¹⁶. Quem participa ativamente da superação do “ser humano” humanístico, ao querer abrir sua subestrutura natural a intervenções corretivas, não pode tirar as máximas, segundo as quais isso deve acontecer justamente do último grau de definhamento histórico da moral humanística. A aporia e hipocrisia desse procedimento afloram de maneira mais aguda ainda na tentativa de legitimar a biotecnologia feita por Gerhard Schröder¹⁷, que, como se sabe, destacou a “dimensão ético-social” da garantia de trabalho e prosperidade. Ocorre que as gerações futuras, cujo trabalho e prosperidade a biotecnologia deverá assegurar, devem sua própria existência e suas próprias características, em grau crescente, a essa mesma biotecnologia! O *étos* burguês-humanista de produção e de consumo coloca em movimento um circuito de produção humana que consome – literalmente – o próprio *humanum*.

Na questão a respeito de como o “fator humano” – que se tornou menor, mas cuja competência em termos de comando ainda não foi negada – deve ser aproveitado da melhor maneira

¹⁵ Reinhard Merkel: sobre ele, conferir nota de rodapé anterior, nesse mesmo artigo. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁶ Arnold Gehlen (1904-1976): sociólogo e filósofo alemão. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁷ Conferir nota de rodapé anterior sobre ele, neste mesmo artigo. (Nota do *IHU On-Line*)

possível na máquina autopoietica formada por natureza e cultura, nessa questão dificilmente se poderá esperar ainda uma resposta das éticas clássicas da civilização que passou. No entanto, certas indicações decerto poderiam partir de uma tradição dissidente e esotérica do Ocidente, cujo lema antecipou, de modo assombroso, o tema e programa da era mundial que está despontando: “O que a natureza iniciou precisa ser consumado pela arte.” Isso se refere à *theia techne*, à “arte divina” da alquimia hermética, cuja atualidade filosófica reside menos na fabricação, tantas vezes citada, do homúnculo – que constitui um aspecto secundário da pesquisa alquímica –, e sim, antes, em seu *opus magnum* [obra magna]: a obtenção da pedra dos sábios. A *lapis philosophorum* [pedra dos filósofos], inteiramente material e, ainda assim, inteiramente mental, representa, em seu simbolismo paradoxal, a tentativa de conceber sob condições metafísicas aquilo que é chamado de informação moderna. Hoje estamos descobrindo o enigma da propriedade da pedra que a tudo transforma ao aprender a registrar a “substância” do ser humano como código genético (variável) e, com isso – tanto na teoria quanto na prática, pois a distinção torna-se caduca – a cumprir a antiga exigência alquímica de nos transformarmos em “pedras filosofais vivas”.

Do ato de tomar conhecimento desse fato que revoluciona fundamentalmente o pensamento tradicional (baseado em dois valores) – a saber, que a informação está no mundo e constitui uma classe de ser à parte – depende, aliás, também a possibilidade de que a atual disputa categorial em torno do embrião – pois é isso que está em pauta na disputa em torno de sua “dignidade humana” – chegue ao nível do que, atualmente, há muito já é possível pensar. Então se mostraria rapidamente que no tocante ao embrião unicelular a alternativa pessoa ou coisa está simplesmente colocada de maneira errônea e que, por exemplo, a mais recente proposta de Jürgen Habermas¹⁸ de tratá-lo antecipadamente como parceiro pessoal de discurso parece grotescamente contra-intuitiva justamente porque aí estamos diante de um erro categorial. Pode-se constatar isso sem, por esta razão, incorrer numa coisificação do ser humano tão logo estejam concedidos à informação, como terceiro ao lado da pessoa e da coisa, ao lado do sujeito e do objeto, seus direitos ontológicos. Em sua propriedade informadora e informativa cabe ao genoma no embrião pré-pessoal uma forma específica de dignidade, que não pede sua transformação em tabu ou sua estilização em fetiche, e sim, antes, uma espécie de “processamento de informações” que não ofenda a complexidade dessa maravilha dando-lhe um preço baixo demais.

Deus é um cibernético

A tarefa de aprendizagem diante da qual se encontra o gênero humano em seu imenso experimento consigo mesmo e que irá e precisará levar a saltos quânticos da inteligência consiste em informar-se sobre os hipercomplexos processos, interdependências, laços de reação daquela “obra magna”, da qual a natureza e a técnica participam de igual maneira, de

¹⁸ Crítico da doutrina positivista e da ideologia dela resultante, o tecnicismo, o filósofo alemão Jürgen Habermas é um dos mais ilustres representantes da segunda geração da Escola de Frankfurt. Jürgen Habermas nasceu em 1929, em Düsseldorf, na Alemanha. De 1956 a 1959, foi colaborador de Adorno no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. Em 1971, Habermas dirigiu o Instituto Max-Planck, em Starnberg, Baviera. Em 1983, transferiu-se para a Universidade Johan Wolfgang Goethe, de Frankfurt. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Publicamos dois artigos sobre o encontro entre Habermas e Ratzinger, ocorrido em 19 de janeiro de 2004, na Academia católica da Baviera, em Munique, nas edições de número 128^a e 138^a do *IHU On-Line*, de 20 de dezembro de 2004 e 25 de abril de 2005, respectivamente. (Nota do *IHU On-Line*)

modo inextricavelmente e necessariamente cooperativo. Aquilo com que a alquimia, num cosmo de imagens poéticas que só permitia uma recepção intuitiva na modalidade de uma “sabedoria” em forma de pressentimento, de certa maneira sonhou antecipadamente precisa agora ser registrado com exatidão e tornado capaz de operar.

Como dizem os prudentes entre os principais geneticistas, está se abrindo, com crescente clareza, um abismo do (ainda) não-compreender no tocante à determinidade genética de propriedades humanas complexas. Visto que estas últimas são, elas próprias, sumamente requeridas na pesquisa de suas condições genéticas, neste caso o espírito e a natureza entram num *feedback* de aprendizagem mútua que torna supérfluas as regras, corretivos e sobretudo proibições recomendadas pelos portadores de restrições éticas, na medida em que as faz emergir a partir de sua própria lógica, por assim dizer como mais-valia do processo de pesquisa. O único deus que pode nos salvar – para usar mais uma vez palavras de Heidegger – não é um *deus ex machina* moral, mas dormita exatamente nos próprios laços ou circuitos de aprendizagem cibernética que aparecem no labor. Neste sentido deve ser entendido também o “conselho ético” que considero o melhor no caso da tecnologia genética: investir em inteligência criativa.

[\(Voltar ao índice\)](#)

CLONAGEM TERAPÊUTICA PODE SER A TENTAÇÃO DE FAUSTO

Entrevista com Angelo Scola

*Traduzimos e reproduzimos, a seguir, a entrevista realizada pelo vaticanista Marco Politi com o cardeal Angelo Scola, cardeal-arcebispo e patriarca de Veneza. A entrevista foi publicada no jornal italiano **La Repubblica**, em 23 de maio de 2005.*

“É a tentação de Fausto, é como a proliferação incontrolável das bombas atômicas”. O patriarca de Veneza, Angelo Scola, reage alarmado às notícias sobre a clonagem terapêutica que, da Coreia do Sul e da Grã Bretanha, invadem a Itália às vésperas do *referendum italiano* sobre a procriação assistida.

Cardeal Scola, por que este alarme?

Acontece que, no início do século XXI, o homem está em condições de manipular a origem de sua própria vida, de modo a desencadear processos que podem se tornar incontroláveis e conduzir ao desaparecimento da própria espécie humana.

Realmente desaparecimento?

Se não "recebo" mais a vida, seguindo a forma natural, que desde sempre tem permitido ao homem vir à luz, se entro na ótica faustiana de considerar-me como o artífice que produz a vida, então, que garantia nós temos de que não surja uma vontade potencial a tal a ponto de desencadear fenômenos que cheguem até a abolição da própria humanidade?.

Onde o senhor vê emergir a tentação de Fausto?